

JOÃO BOSCO MEDEIROS

REDAÇÃO CIENTÍFICA

A Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas

- Estratégias de estudo e leitura
- Como redigir monografias
- Normas para publicações científicas
- Normas técnicas para a elaboração de referências bibliográficas

4ª Edição



EDITORA ATLAS S.A.

Rua Conselheiro Nêbias, 1384 (Campos Elísios)

01203-904 São Paulo (SP)

Tel.: (0__11) 221-9144 (PABX)

www.atlasnet.com.br

SÃO PAULO
EDITORA ATLAS S.A. – 2000

1. ed. 1991; 2. ed. 1996; 3. ed. 1997; 4. ed. 1999; 4ª tiragem

ISBN 85-224-2356-3

Capa: Balduino Ferreira Leite

Composição: Style Up

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

iros, João Bosco

Redação científica : a prática de fichamentos, resumos, resenhas /
João Bosco Medeiros. -- 4. ed. -- São Paulo : Atlas, 2000.

Bibliografia

SBN 85-224-2356-3

. Redação técnica I. Título

173

CDD-808.0665

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritos científicos : Redação 808.0665
2. Redação : Trabalhos científicos 808.0665
3. Trabalhos científicos : Redação 808.0665

NOTAS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial,
de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor
(Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1.825,
de 20 de dezembro de 1907.

Cód.: 1004 55 028

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

*"Ninguém é capaz de escrever bem, se não sabe
bem o que vai escrever" (Camara Jr., 1978:58).*

*"A comunicação linguística é internamente clara,
quando nela aparece limpidamente o pensamento. A
linguagem pode então ser comparada a um copo
cristalino através do qual se vê nitidamente o líquido
que o enche. Torna-se um vidro de perfeita transpa-
rência, e, sem sentir-lhe a interposição, recebemos as
idéias de outrem" (Camara Jr., 1978:149).*

que ele concorde ou discorde do autor.” E continua, agora citando Adler e Van Doren: “Concordar sem entender é ineptia. Discordar sem entender é imperitância.” E, se houver de discordar de um autor, não há por que fazer da discordância disputa ou querrela. É preciso distinguir conhecimento de mera opinião. Pode-se, com base em fatos, provar desinformação, incoerência, ilogicidade das idéias, ou incompletude delas. Ser cuidadoso com a avaliação demonstra capacidade de raciocínio crítico.

O estudo de um texto completa-se quando se descobrem as idéias do autor e as teses que defende; quando o leitor enuncia suas próprias questões e avalia cuidadosamente o que o autor prometeu.

Assim, avança-se na busca do conhecimento.

Leitor competente, portanto, é aquele que:

- é autônomo na busca de novos conhecimentos, no estudo;
- tem interesse em aprender;
- tem prazer em estudar.

Molina (1992:61) salienta que leitor competente é aquele que, diante de um texto de tipo dissertativo-informativo, é capaz de

“*antecipar suas próprias expectativas em relação ao conteúdo, compreender o conteúdo verbal e não verbal do texto, buscando, por seus próprios meios, situar eventuais dificuldades de compreensão, analisar o texto em suas proposições básicas, sintetizá-lo e avaliá-lo*”.

Não basta saber ler um texto, é necessário entendê-lo.

2 TIPOS DE LEITURA

A leitura pode ser classificada em tipos: *skimming*; do significado; de estudo; crítica; *scanning*. A leitura de *skimming* procura captar a tendência geral da obra. Nesse caso, o leitor vale-se de uma leitura superficial de títulos, subtítulos, de alguns parágrafos. A leitura do significado procura obter uma visão geral do texto. Faz-se uma leitura rápida, sem se deter, nem retomar parágrafos anteriores já lidos. A leitura de estudo engloba ler, releer, anotar, resumir. A leitura crítica envolve reflexão, avaliação, comparação com o que se leu anteriormente. A leitura classificada como *scanning* caracteriza-se como aquela em que se procura certo tópico de uma obra.

As classificações são muitas e variadas; algumas envolvem aspectos formais, outros, aspectos de conteúdo. No caso de leitura com o objetivo de angariar informações, dados e fundamentações que servirão de base num trabalho científico, a leitura mais indicada é a informativa, que pode subdividir-se em de reconhecimento, seletiva, crítica e interpretativa. Isso é, não se faz uma leitura somente, mas várias.

A leitura de reconhecimento proporciona ao leitor visão geral da obra; permite-lhe verificar se encontrará nela as informações de que necessita. A leitura seletiva busca selecionar as informações necessárias. A leitura crítica exige da parte do leitor maiores precauções, sobretudo quanto ao significado; exige esforço reflexivo. Já a leitura interpretativa visa relacionar as afirmações do autor com os problemas para os quais se busca uma resposta.

3 APROVEITAMENTO DA LEITURA

A formação do sentido de um texto não é produto exclusivo de seu autor. O leitor também produz sentidos. Compreender não significa atribuir um sentido ou descobrir o sentido que o autor quis dar ao texto (leitura parafrástica), mas reconhecer os mecanismos de funcionamento do discurso, de um processo de significação para chegar a uma leitura polissêmica, ou seja, de muitos sentidos.

A leitura de um texto, embora não possa ser reduzida a uma questão de técnica, pode ser facilitada por estratégias utilizadas para sua realização; mas que se tenha sempre presente que o texto não pode ser reduzido às informações que contém, já que ele é reproduzido em outros contextos, gerando, assim, textos que se relacionam. Ora, como o pesquisador reproduz as informações que colhe num contexto sociocultural, segundo determinações históricas, ele deve estar atento ao processo de significação, de construção do discurso, e ter consciência de que até mesmo a ciência que produz é resultado de formações ideológicas e formações discursivas. O cuidado com a leitura pode trazer benefícios não só para si, como também para toda a sociedade.

A observação dos tópicos seguintes facilita o aproveitamento da leitura:

- Determinar um objetivo a alcançar. Esse fato ajuda a selecionar a leitura.
- Fazer leitura de contato com a obra. Deve ser realizada sem interrupção.
- Resolver os problemas de decodificação do vocabulário. Esclarecer as dúvidas com o dicionário.
- Aprender as idéias principais. Não é conveniente assinalar tudo e tampouco marcar termos isolados. Parece recomendável assinalar os verbos e, em seguida, os sujeitos dos verbos, os objetos que são indispensáveis à compreensão das frases, as conjunções.
- Esquematizar as idéias principais.
- Elaborar frases-resumos com base no que foi sublinhado.

A esquematização das idéias de um texto facilita a aprendizagem e a retenção de informações básicas (ver Capítulo 1, tópico 2.2, anotações esquemáticas).

Cabe ressaltar que a profusão de obras impõe ao pesquisador uma seleção. Esta é imperativo do objetivo que se tem em vista. A seleção preocupa-se com obras a serem lidas, autores preferenciais, edições críticas, edições recentes. Às vezes, a última edição revista pelo autor é a preferida, como no caso das obras de Graciliano Ramos: as edições de José Olympio satisfazem ao pesquisador, enquanto as demais edições, que não foram revistas pelo autor, apresentam problemas de fidedignidade textual. Com o *Dicionário de Moraes* ocorre o mesmo problema: as edições revistas pelo autor são as preferidas.

No caso de traduções, a escolha será por obras que revelem fidelidade ao texto do autor. Por exemplo, a tradução de *Os trabalhadores do mar* feita por Machado de Assis goza de maior prestígio que as demais. A tradução de *A peste*, de Albert Camus, realizada por Graciliano Ramos também é a preferida. Há inúmeros casos desses, e o pesquisador geralmente está atento ao autor da tradução.

3.1 Eficiência e eficácia na leitura

Muitas pessoas dizem ter dificuldade de apreensão daquilo que lêem, e tal fato se deve principalmente à velocidade da leitura que imprimem ao texto que têm diante de si. Às vezes, retornam seguidamente ao parágrafo ou ideia precedente, o que prejudica a compreensão e amplia o dispêndio de tempo. Assim sendo, o primeiro obstáculo a vencer é superar a lentidão na leitura: fazer, portanto, uma leitura tão desobstruída quanto possível.

Outro extremo seria a leitura superficial, ultra-rápida. Evidentemente, a velocidade de leitura depende de cada um, bem como do gênero de texto que se está lendo. Um tratado de Direito Romano não pode ser lido com a mesma velocidade que um romance policial, por exemplo.

A leitura eficaz diz respeito à qualidade, enquanto a leitura eficiente se relaciona com a quantidade. Pela primeira se almeja a exaustividade; pela segunda se busca alcançar maior velocidade.

3.2 Ambiente

Fator que não pode ser desconsiderado por quem persegue maior eficiência e eficácia na leitura é o ambiente. Merecem consideração: iluminação, arrejamento, ventilação, ausência de ruídos, ou pelo menos daqueles que prejudicam a atenção, uma vez que a concentração se revela requisito básico para a prática da leitura.

Além do ambiente, outros fatores devem ser considerados para que a leitura se torne proveitosa: dicionários, livros de referência, enciclopédias, lápis, papel para anotações.

4 OBJETIVO DA LEITURA

Os objetivos básicos da leitura são a assimilação, a busca de conhecimentos, a preparação intelectual para posicionamentos críticos diante da realidade circundante.

Para a concretização desses objetivos, é necessário que o leitor busque, em primeiro lugar, a ideia mestra, o tópico frasal, que indicará a direção das ideias expostas. Daí por que o leitor deve concentrar-se em sua procura, bem como na identificação da hierarquia das ideias expostas.

Inferre-se desse fato a necessidade de exercícios em que se pratique a identificação da ideia principal e a hierarquização das secundárias. Somente com essa prática é possível melhorar a qualidade da leitura, cujo objetivo não é outro que captar, reter, integrar conhecimentos para, posteriormente, reformulá-los, recriá-los, transformá-los.

Outro exercício recomendável para a prática da leitura qualitativa é a paráfrase, o refrasear das ideias encontradas, o comentário, a crítica do texto.

5 COMPREENSÃO DO TEXTO

Analisando problemas relativos à leitura, Enilde L. de J. Faulstich, autora de *Como ler, entender e redigir um texto*, afirma a existência de textos inteiramente inteligíveis ao leitor e textos cujo conteúdo não é compreensível completamente pelo leitor. Neste último caso, o leitor buscará superar essas dificuldades mediante vários procedimentos.

Dito isso, a autora divide a leitura em informativa e interpretativa.

A leitura informativa compreende a seleção de ideias-chaves do texto e a crítica.

De modo geral, a expressão-chave de um parágrafo é compreendida pelo tópico frasal, ou seja, a frase inicial que expõe sinteticamente as ideias que serão desenvolvidas no parágrafo. Exemplo:

"O assim chamado best-seller suscita todo tipo de indagação. Alguns fatos parecem suficientemente sólidos. Ele é produto de pelo menos três circunstâncias: a alfabetização quase universal nos países ricos, a industrialização editorial proprietária de inensas tiragens, e uma necessidade, que, se não natural, é extremamente antiga, de narrativa, própria aos seres humanos" (Ascher, Nelson, Numa tantas pessoas leram tanto à beira da piscina. Folha de S. Paulo, São Paulo, 25 maio 1991, p. 6-3).

Qual é a ideia-chave do parágrafo apresentado?

As idéias expostas giram em torno do conceito de *best-seller*. O autor busca esclarecer o fenômeno, expondo suas causas.

Segundo Faulstich (1988:16), uma vez identificada a palavra-chave, buscam-se as palavras-chaves secundárias. Veja no texto de Nelson Ascher: as idéias secundárias são as causas, segundo o autor, do fenômeno *best-seller*: a lãbeuzação massiva, os modernos processos de reprodução do livro e a necessidade que o homem revela de consumir narrativa.

A seleção de palavras-chaves deve ser feita em todos os parágrafos. Elas possibilitam a elaboração de um resumo do texto.

A leitura crítica, por sua vez, exige reconhecimento da pertinência dos conteúdos apresentados. Aqui cabe a verificação da unidade do texto, da coerência das idéias, do peso das argumentações.

5.1 Segmentação textual

A segmentação de um texto pode ser feita segundo quatro possibilidades: por espaço, por tempo, por personagens ou por temas. A divisão visa tão-somente tornar mais claras as relações que se estabelecem entre as partes de um texto e é técnica recomendada para ampliar a eficácia da leitura.

5.1.1 Segmentação por tempo

A divisão do texto levando em consideração a cronologia dos acontecimentos permite que o leitor tenha domínio sobre as transformações ocorridas. Nas narrativas, é relevante perceber como as personagens se transformam, pois reside aí um de seus significados. Observação: o que determina a aplicação de uma forma de segmentação (espaço, tempo, personagens, temas) é o próprio texto.

[*“Era esse dia domingo do Espírito Santo.”*] Como todos sabem, a festa do Espírito Santo é uma das festas prediletas do povo fluminense. Hoje mesmo que se vão perdendo certos hábitos, uns bons, outros maus, ainda essa festa é motivo de grande agitação; longe porém está o que agora se passa daquilo que se passava nos tempos a que temos feito remanar os leitores. A festa não começava no domingo marcado pela folhinha, começava muito antes, nove dias criemos, para que tivessem lugar as novenas. [O primeiro anúncio da festa eram as Folhas. Aquela que escreve estas Memórias ainda em sua infância teve ocasião de ver as Folhas, porém foi já no seu último grau de decadência, e tanto que só as crianças como ele danam-lhe atenção e achavam nelas prazer; os mais, se delas se ocupavam, era unicamente para lamentar a diferença que faziam das primitivas. O que antes se passava, bem encarado, não estava muito longe

78

de merecer censura, porém era costume.] [e ninguém vá lá dizer a alguma velha desse tempo que aquilo devia ser por força muito feio, porque leva uma risada na cara, e ouve uma tremenda fúlpica contra as nossas festas de hoje.]

Entretanto digamos sempre o que eram as Folhas desse tempo, apesar que os leitores o saberão pouco mais ou menos. [Durante os 9 dias que precediam ao Espírito Santo, ou mesmo não sabemos se antes disso, saía pelas ruas da cidade um rancho de meninos, todos de 9 a 11 anos, caprichosamente vestidos à pastora: saquetas de cor de rosa, meias brancas, calção da cor do sapato, fitas à cintura, camisa branca de longos e ceitados colarinhos, chapéus de palha de abas largas ou forrados de seda, tudo isto enfeitado com girindadas de flores, e com uma quantidade prodigiosa de laços de fita encarnada. Cada um destes meninos levava um instrumento pastoril em que tocavam, pandeiro, machete e tamboril. Caminhavam formando um quadrado, no meio do qual o chamado imperador do Divino, acompanhado por uma música de barbeiros, e precedidos e cercados por uma chusma de irmãos de opa levando bandeiras encarnadas e outros emblemas, os quais tiravam espólicas enquanto eles cantavam e tocavam.

O imperador, como dissemos, ia no meio, ordinariamente era um menino mais pequeno que os outros, vestido de cascata de veludo verde, calção de igual fitzenda e cor, meias de seda, saquetas afiveladas, chapéu de pasta, e um enorme e ruilante emblema do Espírito Santo ao peito; caminhava pausadamente e com ar grave.]

[Confessem os leitores se não era coisa deveras extravagante ver-se um imperador vestido de veludo e seda, percorrendo as ruas cercado por um rancho de pastores, ao toque de pandeiro e machete.] [Entretanto, apenas se ouvia ao longe a fanhosa música dos barbeiros, tudo corria à janelada para ver passar a Folia: os irmãos aprovoltavam-se do ensajo, e iam colhendo espólicas de porta em porta.

Enquanto caminhava o rancho, tocava música de barbeiros: quando parava, os pastores, acompanhando-se com seus instrumentos, cantavam: as canções eram pouco mais ou menos no género e estilo desta:

O Divino Espírito Santo
É um grande folião,
Amigo de muita carne,
Muito vinho e muito pão.]

[Eis aí o que era a Folia, eis aí o que o compadre e o afilhado encontravam no caminho.

A este episódio da Folia seguem-se outros de que vamos em breve dar conta aos leitores. Por agora porém voltamos aos nossos visitantes.]

47 Segmento: o narrador dialoga com o leitor: primeira sentença.

57 Segmento: volta ao passado: celebra os acontecimentos que precedem a festa.

67 Segmento: presente: diálogo com o leitor.

77 Segmento: volta ao passado: observar o uso do pretérito imperfeito: original.

87 Segmento: retorno ao presente: diálogo com o leitor.

6 LETURA INTERPRETATIVA

Para Faulstich, a leitura interpretativa exige o domínio da leitura informativa. E ainda diz ser necessário o reconhecimento de determinadas capacidades de conhecimento, como a compreensão, a análise, a síntese, a avaliação, a aplicação.

A *compreensão* caracteriza-se como capacidade de entendimento literal da mensagem. O leitor preocupa-se em ver o texto segundo a óptica do autor e busca responder às perguntas: que tese o autor do texto defende? De que trata o texto?

A *análise* envolve capacidade do leitor para verificar as partes constitutivas do texto, de tal forma que possa perceber os nexos lógicos das idéias e sua organização. Nesse estágio, é necessário responder à pergunta: quais são as partes que constituem o texto?

A *síntese* implica capacidade para apreender as idéias essenciais do texto. Nesse caso, o leitor busca reconstruir o texto, eliminando o que é secundário. Responde-se às perguntas: quais são as idéias principais do texto? Como elas se inter-relacionam?

Por *avaliação* entende-se a capacidade de emissão de um juízo valorativo a respeito do texto. Nesse estágio, responde-se às questões: o texto é passível de crítica? Há pontos fracos? Há falhas na argumentação?

Finalmente, a etapa de *aplicação* caracteriza-se como capacidade para, com base no texto, resolver situações semelhantes. O entendimento do texto possibilita a projeção de novas idéias e a obtenção de novos resultados. Responde à pergunta: as idéias expostas no texto são passíveis de ser aplicadas em que contexto?

São, pois, cinco as etapas da leitura interpretativa propostas por Faulstich.

7 LETURA CRÍTICA

Esse tipo de leitura exige que o leitor tenha algum conhecimento do assunto. Finalmente, o leitor faz um levantamento de todos os tópicos frásais de todos os parágrafos. A partir daí, busca estabelecer falhas ou fundamentos na hierarquização das idéias. Assim, ler criticamente é, acima de tudo, perceber a consistência das idéias apresentadas, a coerência e harmonia do texto.

Ao leitor crítico é fundamental diferenciar idéias, saber hierarquizá-las, analisar a pertinência delas, bem como o nexo que as une. Ao hierarquizá-las, é necessário:

- relacionar os pormenores que servem de apoio às idéias secundárias;
- articular idéias paralelas;
 - inventariar idéias opostas;
 - reconhecer orações coordenadas;
 - observar as orações subordinadas;
 - ordenar a sequência das idéias;
 - examinar os nexos lógicos para perceber a agudeza e o pensamento do autor.

Como a leitura não é atividade mecânica de simples descodificação de signos, ela não pode ser passiva. Daí a necessidade de perceber as relações entre texto e contexto, de traduzir os significados das palavras e desvendá-lo que se oculta por trás delas.

A leitura crítica só é possível se o leitor tem conhecimento das condições de produção do discurso e de seu funcionamento. Rememos o leitor, para explicitação de tais condições, ao Capítulo 4 deste livro; o leitor crítico refaz, em geral, o percurso de etapas proposto por Morgan e Daese, constante do tópico 1 do Capítulo 5. Recomendamos também os passos de leitura propostos por Molina, expostos no mesmo tópico.

8 ANÁLISE DO TEXTO

Outra técnica de leitura bastante utilizada é a análise do texto.

Eclarecemos aqui o significado de dois termos que, em geral, despertam curiosidade: *análise* e *interpretação*. Análise é o fundamento para a elaboração de reflexões que mostrem a organização dos elementos identificados no texto e seu aproveitamento reflexivo e argumentativo. A leitura é um processo de incorporação do texto à vida, de aceitação ou negação dele, estabelecendo um diálogo pelo qual o leitor se constitui em sujeito da leitura, um ato criativo e não reproduzidor. Feita a leitura, o leitor volta-se para comparações que envolvem o texto e outras situações semelhantes de outras épocas, para estabelecer relações de semelhança e diferença. Ao comparar, relacionam-se conteúdos e opina-se sobre os fatos arrolados. **Interpretação** é processo, num primeiro momento, de dizer o que o autor disse, paratrasando o texto, resumindo-o; é reproduzir as idéias do texto. Num segundo momento, entende-se interpretação como comentário, discussão das idéias do texto.

Análise significa, portanto, decompor, examinar sistematicamente os elementos que compõem o texto. Essa dissecação tem como objetivo penetrar nas idéias do autor e compreender como o todo foi organizado.

A análise, porém, não deve ater-se apenas à compreensão. É necessário que se estenda e chegue à crítica. Por isso, mais importante que reproduzir a estrutura do plano é indicar os tipos de relação existentes entre as idéias expostas.

Como desenvolver a análise?

A análise é desenvolvida por meio da explicação, da discussão que os temas abordados ensejam, da avaliação.

São objetivos da análise do texto: aprender a ler, escolher textos significativos, reconhecer a organização do texto, interpretá-lo, procurar o significado de suas palavras, desenvolver a capacidade de distinguir fatos, opiniões, hipóteses, detectar idéias principais e secundárias, chegar a uma conclusão.

O procedimento de leitura analítica inicia-se pela escolha do texto; em seguida faz-se uma leitura dele; depois se rele o texto, esclarecendo com o dicionário palavras desconhecidas. Nova leitura é feita, com a preocupação de compreender o todo. A idéia principal do texto é detectada com nova leitura, que também deve preocupar-se em localizar outras idéias, comparando-as, buscando semelhanças e diferenças.

8.1 Tipos de análise

Há vários tipos de análise: dos elementos, das relações, da estrutura do texto.

A análise dos elementos compreende referências bibliográficas, estrutura do plano do livro ou texto, vocabulário, modelo teórico, doutrinas, idéias principais e secundárias, juízos de valor expostos, conclusões.

A análise das relações engloba a busca de relações entre as hipóteses e as provas e conclusões. Esta análise possibilita verificar a coerência dos elementos das várias partes do texto. Em geral, um texto oferece relações entre idéias principais e secundárias, fatos que confirmam as opiniões exarçadas, as causas e as conseqüências.

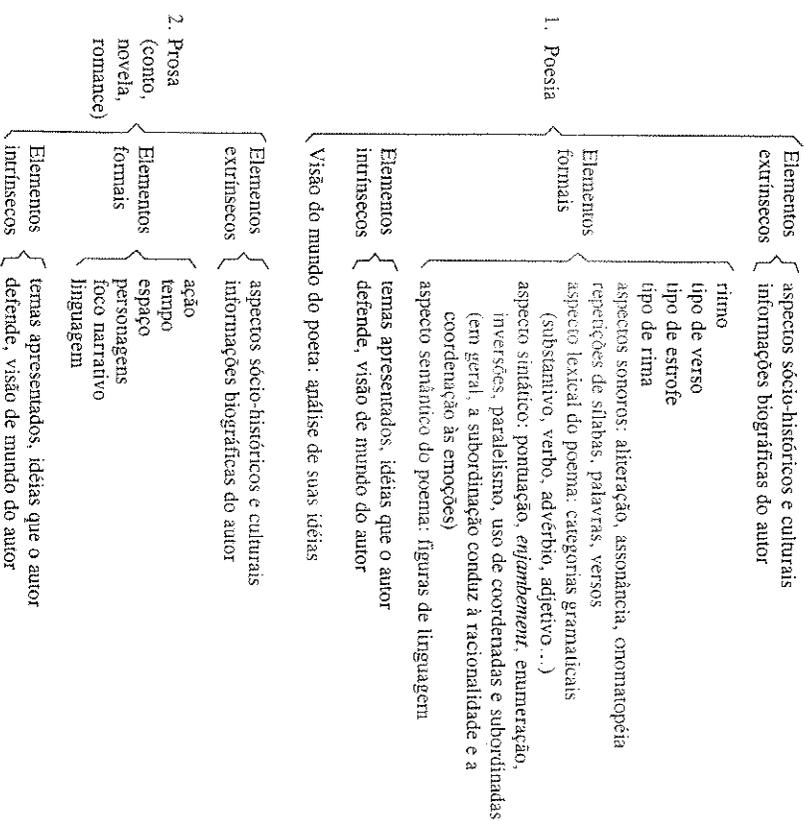
A análise da estrutura compreende o estudo das partes, buscando-se as relações delas com o todo. Aqui se percebe a intenção do autor, suas posições diante dos fatos. A análise da estrutura preocupa-se com a posição do autor, conceitos adotados, seu modo de estabelecer relações, forma de trabalhar o material exposto.

Há ainda outros tipos de análise, como textual, temática, interpretativa, de problematização, de síntese. Enquanto a textual busca o levantamento de todos os elementos do texto, desde que sejam importantes, a análise temática busca a apreensão do conteúdo, ou seja, dos problemas alinhados, das idéias expostas, da qualidade da argumentação. A análise interpretativa, por sua vez, busca explicitar a posição do autor, detectar influências, e também faz uma exposição crítica e avalia o conteúdo da obra. Já a análise de problematização levanta os problemas do texto e discute-os, e a de síntese elabora um novo texto, após reunir os elementos do texto e refletir sobre eles.

Além da análise textual, temática e interpretativa, é possível estabelecer um roteiro de análise, que compreende: verificação das fontes e bibliografia, metodologia utilizada, dificuldades relatadas pelo autor, reflexo sobre o texto, abrangendo análise e interpre-

tação da obra; finalmente, devem constar do roteiro de leitura as sugestões que o texto proporciona em matéria de temas para discussão.

No estudo da literatura, é comum a análise literária que parte de questões elementares, como gênero do texto (poesia e/ou prosa) para chegar às questões compreendidas pelos elementos extrínsecos, formais, intrínsecos. Em geral, são objeto de exame:



* Frequentemente, a análise inicia-se pela descrição dos elementos levantados para, em seguida, passar-se à interpretação. Não basta dizer, por exemplo, que o poema utiliza particularmente orações coordenadas; é preciso dizer o que seu uso significa no poema.

6

Fichamento

“O homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala” (Fiorin, 1988:35).

1 REGRAS DO JOGO

Os manuais de metodologia apresentam muitas orientações ao estudioso que deseja escrever uma tese. Para citar um exemplo, veja-se *Como se faz uma tese*, de Umberto Eco.

Para Eco (1989:87), a situação ideal seria dispor em casa de todos os livros de que se tem necessidade, mas reconhece que “essa condição ideal é muito rara mesmo para um estudioso profissional”.

Ao estudioso pede-se, diante da necessidade de realização de um trabalho de grau, que faça um levantamento bibliográfico, utilizando-se de fichas bibliográficas.

O armazenamento dessas informações será realizado num arquivo de fichas ou pelo computador. Outros arquivos igualmente importantes durante a fase de coleta de informações são: o arquivo de leitura, de idéias, de citações.

O arquivo de leitura consiste no registro de resumos, opiniões, citações, enfim tudo o que possa servir como embasamento para a tese, ou idéias que defenderá por ocasião da redação do texto que tem em vista.

O arquivo bibliográfico registra os livros que devem ser localizados, lidos, examinados.

As referências devem ser realizadas com critério e segundo as normas da ABNT, NBR 6023/89. O intelectual que despreza as normas estabelecidas para a realização de um texto corre o risco de ser desconsiderado pela comunidade científica. Eco (1989:48) faz analogia entre o estudioso que despreza as normas funcionais de um trabalho e um jogador inexperiente que emprega mal as expressões-chaves do jogo. Tanto um quanto outro serão olhados com suspeita, “como uma espécie de intruso”.

Como se faz uma tese distingue variados tipos de ficha: de leitura, remissões, por autores, de citações, de trabalho. Esta última compreende problematizações, sugestões, ligação entre idéias e seções do plano de idéias.

As fichas constituem valioso recurso de estudo de que se valem os pesquisadores para a realização de uma obra didática, científica e outras.

Freqüentemente, há obstáculos a vencer no início da utilização das fichas como método de estudo e de redação. Uma dessas dificuldades é relativa ao dispêndio inicial de tempo, à metodologia de transcrição de texto, às anotações bibliográficas (autor, título da obra, local da publicação, editora, ano, página). Para quem não pratica ou não está acostumado a fazer fichamento, essa prática parece demorada, desgastante, incorretível, entediante.

Os procedimentos descritos, que garantem a prática eficaz do fichamento, assustam o estudante que depara pela primeira vez com tal metodologia; a prática contínua, no entanto, poderá levá-lo a alterar ponto de vista e julgamento, fazendo-o perceber que o pequeno trabalho inicial reverte-se em ganho de tempo futuro, quando precisar escrever sobre determinado assunto. Não se recomenda, porém, o armazenamento de assuntos pelos quais não se tem nenhum interesse. O fichário, antes de tudo, precisa ser funcional. Um redator esportivo necessita, mais que qualquer outro, recolher informações sobre esportes; um cientista recolherá informações sobre sua área específica, e assim por diante.

As anotações que ocupam mais de uma ficha têm o cabeçalho da primeira ficha repetido.

As fichas compreendem cabeçalho, referências bibliográficas, corpo da ficha e local onde se encontra a obra. O cabeçalho engloba título genérico ou específico e letra indicativa da sequência das fichas, se for utilizada mais de uma. Exemplo (Figura 6.1):

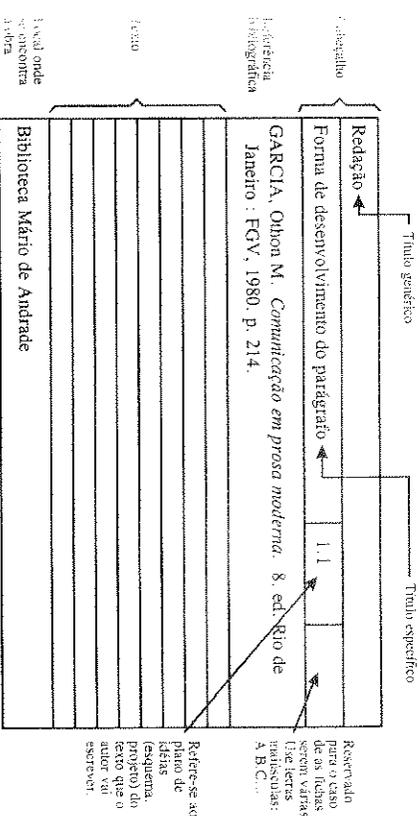


Figura 6.1 Elementos estruturais de uma ficha.

que se afasta da categoria do emocional (subjetiva) e alcança o nível da racionalidade, e compreende: capacidade de analisar o texto, separar suas partes e examinar como se inter-relacionam e como o texto se relaciona com outros, e competência para resumir as idéias do texto. *O primeiro nível* desse tipo de leitura é denotativo, parafrástico. Cuida do vocabulário, das informações sobre o autor, do contexto socioeconômico-histórico e objetivo do texto. Atena também para a teoria desenvolvida ou conceitos apresentados. Examina as idéias centrais, procurando identificar de que trata o texto. Procura também observar como se desenvolve o raciocínio do autor, quais suas teses e provas, enfim, verifica-se o encadeamento das idéias apresentadas. No *segundo nível*, o leitor interpreta os significados não transparentes: a leitura aqui é polissêmica. A pergunta a responder é: "O que o autor quis demonstrar?" Verifica-se a relação do texto com a realidade de seu tempo. Há originalidade nas idéias? O nível seguinte é o da *crítica*, que não será subjetiva, impressionista, do tipo gosto/não gosto. O autor atingiu os objetivos estabelecidos? É claro, coerente? O texto apresenta alguma contribuição para a comunidade científica? O passo final é o da *problematização*, em que se indaga sobre as possibilidades de aplicação do texto a outras situações, sobre sua contribuição para nova leitura do mundo.

A competência na leitura, evidentemente, não se esgota aí nem nos elementos focalizados nos Capítulos 4 e 5. É de ressaltar que há variados fatores que interferem na prática da leitura, como ironia, metonímia, metáfora, litotes. * A título de exemplificação, veja-se o poema "Não há vagas", de Ferreira Gullar, todo composto pelo processo de litotes.

"Não há vagas

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonogação
do leite
da carne
do açúcar
do pão

* Litotes de litotes que consiste em afirmar por meio da negação do contrário. Em "Não há vagas", Ferreira Gullar nos afirma que o preço do feijão não cabe no poema, mas justamente o contrário: a poesia é feita com os tipos do quotidiano.

... não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerla dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras

— porque o poema, senhores,
está fechado:
'não há vagas'

Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço

O poema, senhores,
não fede
nem cheira" (Gullar, 1975:224)

2 FICHAS DE LEITURA

São assim designadas as fichas em que se registram informações bibliográficas completas, anotações sobre tópicos da obra, citações diretas, juízos valorativos a respeito da obra, resumo do texto, comentários. Enquanto a ficha bibliográfica contém apenas as informações bibliográficas, necessárias para localizar um livro, as fichas de leitura contêm todas as informações sobre um livro ou artigo.

De modo geral, a ficha de leitura pode ter o seguinte tamanho:

Tipo pequeno: 7,5 x 12,5 cm

Tipo médio: 10,5 x 15,5 cm

Tipo grande: 12,5 x 20,5 cm

7 TÉCNICAS DE ELABORAÇÃO DE RESUMO

O resumo deve destacar:

- Elementos bibliográficos do texto: sua ficha técnica:
 - Sobrenome do autor, nome.
 - Título da obra.
 - Local de publicação do texto.
 - Editora.
 - Ano.
 - Páginas.
- Tipo de texto, o gênero a que se filia (literário, didático, acadêmico).
- Resumo do conteúdo: assunto do texto, objetivo, métodos, critérios utilizados, conclusões do autor da obra resumida.

Rebeca Peixoto da Silva e (s.d.:109) indica que para resumir um trabalho é fundamental compreender sua organização. Aprende-se o todo por meio de leitura global do texto, com o objetivo de compreender o texto em seu conjunto, bem como em cada uma de suas partes. Assim, a preocupação inicial será verificar o enfoque que o autor dá ao assunto: filosófico ou científico, sociológico ou psicológico? Quantitativo ou qualitativo?

Para a autora citada e seus co-autores (s.d.:109), o resumo "que guarde 1/3 ou 1/4 da extensão primitiva pode preservar os pontos essenciais". A redução excessiva, no entanto, pode prejudicar a comunicação. Ao redator cabe atentar para verbos como: *é, deve, pode e circunstâncias como: somente, quase, na maior parte, conjunções como: se, a menos que*, para que o sentido jamais seja prejudicado.

A prática do resumo cerceia o plágio involuntário, além de assegurar ao leitor que o texto foi entendido e convertido a uma linguagem própria.

Segundo Rebeca Peixoto da Silva e outros (s.d.:110), a elaboração de resumos exige mais habilidade de leitura que de escrita. O resumo permite melhor compreensão das idéias expostas, uma vez que para realizá-lo é necessário apreender a estrutura do parágrafo. Para os autores citados, resumir é um processo que compreende vários passos, como: encontrar a idéia-tópico do parágrafo. Se a idéia principal estiver subentendida, será necessário isolar as frases-chaves para encontrar a idéia central. Em seguida, o leitor eliminará as idéias secundárias ou que não sejam essenciais para a compreensão da idéia central. Há passagens dentro de um texto que servem apenas para esclarecer e constituem pois, paráfrases de passagens anteriores. Passa-se, então, a fase de primeira redação do resumo, escolhendo-se sempre a palavra mais simples e mais breve. Coloca-se o original à parte, e põe-se a escrever segundo o que se compreendeu. Acompanhando o texto enquanto se escreve o resumo, corre-se o risco

de copiar frases do texto original ou de cair na simples paráfrase. Finalmente, compara-se o resumo com o original. Para evitar cópias, transcrições, utiliza-se a seleção de idéias distribuídas num quadro sinóptico, ou num plano (esquema).

José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savio, em *Para entender o texto* (1990:420), também examinam o resumo. Depois de defini-lo, recomendam que não se devem perder de vista três elementos:

- cada uma das partes fundamentais do texto;
- a progressão das idéias apresentadas;
- a correlação das partes do texto.

Segundo os autores citados, não cabem no resumo comentários ou julgamentos apreciativos. E ainda acrescentam que a dificuldade de resumir um texto pode advir da complexidade do texto (vocabulário, estrutura sintática, relações lógicas), bem como da competência do leitor. Para reduzir as dificuldades de elaboração de resumos, recomenda-se ler o texto do começo ao fim, sem interrupções. Nesta fase inicial, responde-se à questão: de que trata o texto? Na segunda leitura, descodificam-se frases complexas, recorre-se ao dicionário para solução do vocabulário. As palavras relacionadas, os nexos serão observados com rigor (*mas, embora, ainda que e outros*). Em terceiro lugar, segmenta-se o texto, dividindo-o em blocos temáticos, de idéias (ou de espaço, ou de tempo, ou de personagens) que tenham unidade de significação. Finalmente, redige-se o resumo com as próprias palavras, "procurando não só condensar os segmentos mas encadearlos na progressão em que se sucedem no texto e estabelecer as relações entre eles" (Fiorin e Platão, 1990:421).

João Hilton Sayeg de Siqueira (1990:59-63), em *O texto: movimentos de leitura, técnicas de produção, critérios de avaliação*, examina o resumo no Capítulo 7. Para o autor, resumir é selecionar as partes principais de um texto. Por partes principais entende a apresentação de uma situação inicial, a colocação de uma informação nova, as justificativas, a conclusão. E ainda acrescenta que a prática do resumo é adequada quando inicialmente se determina a referência (assunto do texto) e o tema (enfoque) do original. Não se dispensa a recuperação das relações lógicas existentes entre as partes.

A título de exemplificação, tome-se o texto de Asil Vera (1983:123-124):

"A documentação pode consistir em: (a) transcrições; (b) resumos; (c) síntese e (d) referências.

As transcrições textuais serão feitas quando os respectivos extratos tiverem que ser incluídos no trabalho por sua condição de fontes ou por constituírem um elemento de prova. No caso já citado do estudo sobre Parmênides, poderia ser conveniente transcrever alguns fragmentos do texto "Sobre a natureza", com o objetivo de realizar um estudo sobre as notáveis diferenças de estilo existentes entre o Prêmio e a Primeira Parte. Não só por razões estilísticas, mas, além

disso, porque deste cotejo de textos se poderá elucidar o sentido da obra e a intenção do autor. O Proêmio escrito numa linguagem religiosa, quase mística e muito poética, e o resto usando expressões lógicas, racionais.

A função básica dos resumos é instrumental, e, por isso, devem-se fazer quando as obras (ou as partes das mesmas) utilizadas pertencem a uma biblioteca pública, à qual deverão ser devolvidas depois de lidas.

A síntese – que não deve ser confundida com o resumo – é o trabalho mais importante, mas também o mais difícil: é o fim ideal da documentação. Consiste em expor as idéias centrais de um texto, sua significação e sua unidade de sentido. O trabalho de síntese intertem na parte básica do trabalho de pesquisa, sobretudo no desenvolvimento, na fundamentação e na conclusão.

As referências – breves e concisas – devem conseguir-se quando se trata de obras conhecidas e de fácil acesso.

Para as transcrições e os resumos de certa extensão, torna-se prático utilizar folhas grandes, das chamadas tamanho 'ofício', ou pequenos cadernos que se acrescentarão às fichas respectivos.

O valor da técnica das fichas, como de todo método, depende também de quem o põe em prática. Além disso, assinalaremos alguns de seus inconvenientes mais notórios: um deles é a 'fichomania', isto é, a estéril acumulação de fichas que nunca serão aproveitadas num trabalho final. Em disciplinas históricas, onde a documentação é fundamental e não se pode prescindir da heurística, pode-se correr este risco. Dá a importância do estudo da filosofia da história, e inclusive de considerar a reconstrução histórica com um critério filosófico, como sistematizam historiadores do porte de Toybee e Marrou.

Ourtas vezes, o compilador das fichas limita-se a um mero trabalho de transcrição das notas das mesmas. Finalmente, citaremos como uma situação extrema, dentro destas tendências, a destas monografias intermináveis que se apresentam como um subproduto de monumentais coleções de fichas, mas onde, em suma, nem o autor nem o leitor sabem por fim 'a que se vier'.

O resumo do texto apresentado segue os seguintes passos:

A referência do texto é a documentação de uma pesquisa bibliográfica. Todo trabalho escrito, se realizado segundo critérios rígidos de metodologia científica, aponta-se em pesquisa documental. Segundo Asti Vera, a documentação pode ocorrer através de transcrições (citações diretas), resumos, sínteses e referências. O fragmento desenvolve cada uma dessas modalidades de documentação. Como é tematizada essa referência? É tematizada da perspectiva formal-metodológica, isto é, como proceder para documentar uma pesquisa.

A situação inicial afirma em que consiste a documentação: transcrições, resumos, sínteses, referências, isto é, define as várias modalidades pelas quais se pode valer de

informações colhidas em uma obra. Trata-se de um conhecimento particularizado pela comunidade que realiza pesquisa.

A informação nova do texto é o estabelecimento do uso de um ou mais tipos de documentação: quando usar a transcrição, o resumo, a síntese, a simples referência. A transcrição textual justifica-se quando se tem necessidade de uma prova. () resumo tem função instrumental e é usado quando não se tem na própria biblioteca a obra utilizada. A síntese, que Asti Vera distingue de resumo, consiste na exposição das "idéias centrais de um texto". As referências são utilizadas no caso de obras conhecidas e de acesso fácil.

As justificativas para a realização de pesquisa documental resumem-se em necessidade de provas (transcrição); obras de bibliotecas públicas devem ser resumidas, justamente porque não se tem acesso a elas com facilidade; realização do objetivo da pesquisa (síntese das idéias fundamentais); no caso de obras de fácil acesso e conhecidas, basta uma simples referência.

A conclusão ressalta que o trabalho científico não deve limitar-se a uma coleção de fichas que deixa o autor sem saber que fim tem em vista.

Com esta exposição, verifica-se a organização do texto. Há unidade temática do início ao fim: que procedimento adotar na documentação de uma pesquisa.

Ao selecionar as idéias para o resumo, cancelam-se alguns pormenores secundários. Veja-se:

- a referência é a pesquisa documental;
- a tematização é a metodologia de utilização da pesquisa documental;
- a situação inicial: em que consiste a pesquisa documental; quais são suas formas;
- a informação nova: quando utilizar cada tipo;
- conclusão: o que evitar.

Assim, pode-se dizer que um possível resumo do texto de Asti Vera é:

A pesquisa documental vale-se de transcrição, resumo, síntese e referência. As fichas não devem constituir-se em fim e são de quatro modalidades: transcrição, resumo, síntese, referência. As transcrições textuais são limitadas aos casos de necessidade de prova. O resumo é utilizado no caso de a obra pertencer a uma biblioteca pública. A síntese constitui-se num modo ideal de documentação. Através dela, expõem-se as idéias fundamentais do texto, seu significado e a unidade de seu sentido. O trabalho científico não se constitui numa coleção de fichas que não permitem ao autor e leitor identificar o objetivo da pesquisa.

Nesta fase do resumo, agrupam-se as ideias acima. Então selecionam-se novos elementos da situação inicial:

A pesquisa documental vale-se de transcrição, resumo, síntese, referência. As justificativas compreendem variadas necessidades de apoio da pesquisa. Há casos em que é preciso transcrever, casos em que se deve resumir, sintetizar, referenciar. A conclusão afirma que as fichas não devem constituir-se em fim em si mesmas (menial), pois uma coleção de fichas não resulta numa obra.

Adaptando-se as ideias expostas, ter-se-ia:

As informações colhidas na pesquisa documental são fichadas através de transcrição, resumo, síntese, referências. A fichamania deve ser evitada se o pesquisador deseja que a obra não seja desconexa, pois uma coleção de fichas não resulta numa obra. As justificativas compreendem variadas necessidades de apoio da pesquisa: há casos em que é preciso transcrever, casos em que se deve resumir, sintetizar, referenciar.

Qual o ponto de vista do autor? Qual a sua conclusão? A que leva o texto? Talvez se pudesse dizer que o fragmento apresentado leva a concluir que o autor, embora considere a documentação uma necessidade, estabelece normas para a utilização das fontes de pesquisa. Poder-se-ia dizer que é pragmático, objetivo, uma vez que salienta inconvenientes que o ato de fichar pode acarretar: a fichamania, a mera transcrição de notas, as monografias intermináveis, resultado de coleção de fichas que deixam o autor e o leitor sem saber "a que se ater".

Reescrevendo o resumo na íntegra, tem-se:

Os procedimentos para a pesquisa documental compreendem a transcrição, o resumo, a síntese, a referência. A transcrição limita-se aos casos de necessidade de prova, enquanto a síntese se constitui no ideal de documentação. Se a documentação se reduz a mera transcrição de notas, ou à acumulação de fichas que levam à realização de obra interminável, este procedimento revela-se inconveniente e estéril, não permitindo ao autor nem ao leitor identificar com que deve preocupar-se.

Se se optar pelo modelo de Fiorin para a realização de resumos, responde-se inicialmente à questão: De que trata o texto?

Trata de procedimentos metodológicos de utilização de fontes de informação na pesquisa, isto é, como e quando utilizar a citação direta e a indireta.

Em seguida, divide-se o texto em partes:

- o primeiro parágrafo define em que consiste a documentação;
- os parágrafos 2-6 estabelecem normas sobre quando usar um ou outro procedimento;
- os parágrafos 7 e 8 falam do valor do fichamento e de seus inconvenientes.

Assim, após dizer que a documentação pode ser realizada segundo quatro modalidades: a transcrição, o resumo, a síntese, a referência, estabelece norma para a utilização da citação direta: só deve ser usada em caso de necessidade de prova. Resalta que a documentação deveria ser feita, de preferência, por meio de sínteses, e não por meio de meros resumos indicativos ou simples referência. Finalmente, prevê o estudo dos inconvenientes que o procedimento do fichamento pode acarretar. De grande utilidade (valor) para a pesquisa, pode transformar-se em procedimento estéril.

Como as ideias do texto se inter-relacionam? Elas estão ligadas de tal forma que constituem um texto, e não um aglomerado de informações: da definição de documentação, passando pela exposição das modalidades e usos formais, até a conclusão de que o fichamento é uma face de dois fios (tanto pode constituir-se num valor, como, se mal-utilizado, em inconveniente e estéril), foi mantida a unidade temática.

Agora, pode-se escrever o resumo.

Quero modelo para a prática do resumo é o apresentado por Siqueira (1990:63) e Serafini (1987:188-189), esta última autora já foi vista na seção 2.2 do Capítulo 6, p. 107s.

Em primeiro lugar, diga-se: um resumo deriva da capacidade de leitura daquele que vai realizá-lo. A compreensão de um texto depende da competência do receptor. Essa competência envolve recursos culturais, experiência anterior, conhecimento prévio armazenado na memória. Além disso, o leitor pode contar com pistas lingüísticas distribuídas pelo texto. Não se dispensa a capacidade de raciocinar do leitor.

O resumo é um instrumento adequado tanto para a aprendizagem redacional, quanto para o aprimoramento da leitura. Um leitor que é capaz de resumir um texto com suas próprias palavras demonstra ter compreendido as ideias nele expostas. Para Siqueira (1990:15), um leitor, se competente, deve, "diante de um texto, detectar quando ele está interrompido ou completo e conseguir, no caso de estar interrompido, completá-lo. Além disso, uma pessoa pode ser capaz de parafrasear um texto, resumindo, dar-lhe um título ou, a partir de um título, desenvolver um todo textual".

As regras mais comumente aplicadas para a prática do resumo são:

- *Apagamento de elementos redundantes e supérfluos ou não relevantes.* Incluir-se neste caso supressão de adjetivos e advérbios.
- *Generalização de ideias do texto.* O leitor deve ser capaz de, desprezando ideias particulares, registrar informações de ordem geral. Este conceito aproxima-se do de tematização.

apagamento de elementos supérfluos

- *Seleção das idéias principais.*
- *Combinação de dois ou três tópicos frasais de diferentes parágrafos quando repetem a mesma idéia.* Dispensável, já que pode ser feita pela invenção do novo texto.
- *Invenção ou construção.* Deve o leitor construir frases que incluam várias idéias expostas no texto, e fazê-lo de forma sintética.

Para Siqueira (1990:63), os passos para resumir um texto são: (a) seleção das idéias principais; (b) cancelamento das idéias irrelevantes; (c) agrupamento das idéias que se relacionam entre si; (d) adaptação da linguagem devido aos agrupamentos realizados. Maria Teresa Serafini (1987:188-189) ensina quatro regras para a redação de resumos: cancelamento, generalização, seleção e construção. Cancelamos palavras que se referem a pormenores que não são necessários à compreensão de outras partes do texto. Pelo processo de generalização substituímos "alguns elementos por outros mais gerais que os incluem". Pela seleção eliminamos os "elementos que exprimem detalhes óbvios". Durante a fase de construção, substituímos orações por outras novas.

Tomemos o seguinte texto como exemplo:

"No painel reúnem-se várias pessoas para exporem suas idéias sobre determinado assunto ante um auditório. No painel, a conversação é basicamente informal, os membros não atam como oradores, não expõem.

.....

Os membros do painel (painelistas) devem preparar o material necessário acerca do assunto a ser discutido, procurando orientar a discussão através de um raciocínio metódico e ao alcance do público.

Devem saber ouvir com atenção o que têm a dizer os outros participantes e interrompê-los quando oportuno, esperando o momento apropriado para isso.

Não se devem aferrar a um ponto de vista, só porque é o que defendem, e sim mudar de opinião sempre que os fatos ou a lógica provarem que estão errados.

Não devem os painelistas monopolizar a discussão, pois todos têm iguais oportunidades de falar. Convém, por isso, estabelecer que a duração máxima de cada intervenção será de dois ou três minutos. O coordenador deverá interferir sempre que um painelista ultrapassar os limites permitidos ou estender-se muito em digressões que não contribuam para o esclarecimento da discussão.

Falar apenas sobre o assunto proposto deve ser um dos lemas dos participantes do painel.

Outro objetivo que deve ser norma para os participantes é de que a atmosfera de discussão é informal e o diálogo deve processar-se em tom de conversa. Nada de discursos, de atitudes teatrais para a platéia ou de uso e abuso de expressões de efeito" (Minicucci, 1992:134-135).

Aplicando as regras para elaboração de resumo, tem-se:

1. Quanto ao apagamento

Cancelam-se palavras que podem ser dispensáveis:

Painel: reunião de pessoas para exporem suas idéias sobre um assunto, diante de um auditório. A conversação é informal. Os membros de um painel preparam o material, orientando a discussão pelo raciocínio metódico. Devem ouvir os outros participantes e interrompê-los quando oportuno. Devem mudar de opinião se os fatos ou a lógica provarem que estão errados. Não devem monopolizar a discussão. Cada intervenção será de dois ou três minutos. O coordenador deve interferir no caso de um painelista ultrapassar o tempo. Os painelistas devem falar sobre o assunto proposto. O diálogo deve processar-se em tom de conversa. Evitar discursos ou atitudes teatrais.

2. Quanto à generalização

Pela generalização, devem-se substituir enunciados específicos por gerais. Assim, se uma pessoa diz que reformou o banheiro, a cozinha, a sala, o relhado de sua casa, pode-se dizer que ela "reformou sua casa". A expressão agora é generalizadora. No texto apresentado de Minicucci, as possibilidades de generalizações não são assim tão palpáveis, mas pode-se dizer, generalizando, que ele apresenta regras para a realização de um painel.

3. Quanto à seleção de tópicos frasais e combinação deles

No painel, várias pessoas expõem suas idéias para um auditório. A linguagem é informal e os membros que dele participam podem interromper seus colegas quando oportuno. Cada intervenção, regulada pelo coordenador, pode durar de dois a três minutos. Os painelistas devem ater-se ao tema proposto.

Assim, o leitor pode verificar que o primeiro parágrafo apresenta duas idéias importantes: o painel é uma técnica de apresentação de comunicação da qual participam várias pessoas; o tom da apresentação é informal. O segundo parágrafo cuida da adaptação da exposição à audiência. O terceiro e o quarto parágrafos podem ser

fundidos: o painelista apresenta suas idéias e ouve observações dos colegas. O quinto parágrafo é uma explicitação dos dois anteriores e pode ser eliminado. O sexto parágrafo ocupa-se do impedimento de digressões e o último afirma, repetindo idéias do primeiro parágrafo, que o tom da apresentação é o informal.

4. *Quanto à invenção ou construção*

Aqui, recita-se o texto de Minicucci:

O painel, técnica de trabalho em grupo, consiste em variados participantes, diante de um auditório, apresentarem para discussão assuntos previamente estabelecidos. Entre as regras do painel, destacam-se: adaptar a exposição à audiência; ouvir os colegas e interrompê-los apenas quando oportuno, ser flexível na defesa dos próprios pontos de vista, permitir que os colegas exponham suas idéias, evitar digressões e atitudes teatrais, já que o tom do diálogo é informal. Ao coordenador caberá estabelecer tempo de duração das intervenções e manter a ordem.

EXERCÍCIOS

1. *Segmentar o seguinte texto de Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Luiz Carlos Travaçola (1989:11-14):*

"Antes de mais nada, é preciso observar que nenhum dos conceitos encontrados na literatura é capaz de conter em si todos os aspectos que consideramos como definidores da *coerência*. Vamos, por isso, elencar, de forma sumária, os traços que têm sido mais comumente apontados.

A coerência teria a ver com a 'boa formação' do texto, mas num sentido que não tem nada a ver com qualquer idéia assemelhada à noção de gramaticalidade usada no nível de frase, sendo mais ligada, talvez, a uma boa formação em termos de interlocução comunicativa. Portanto, a coerência é algo que se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários. Ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo ser vista, pois, como um princípio de interpretabilidade do texto. Assim, ela pode ser vista também como ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor do texto (que o interpreta para compreendê-lo) tem para calcular o seu sentido. A coerência seria a possibilidade de estabelecer, no texto, alguma forma de unidade ou relação. Essa unidade é sempre apresentada como uma unidade de sentido no texto, o que caracteriza a coerência como global, isto é, referente ao texto como um todo.

A coerência é vista também como uma continuidade de sentidos percebidos no texto, resultando numa conexão conceitual cognitiva entre elementos do texto. Essa conexão não é apenas de tipo lógico e depende de fatores socioculturais diversos, devendo ser vista não só como o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários, mas também de fatores interpessoais como as formas de influência do falante na situação de fala, as intenções comunicativas dos interlocutores, enfim, tudo o que se possa ligar a uma dimensão pragmática da coerência. Os processos cognitivos caracterizam a coerência à medida que possibilitam criar um mundo textual em face do conhecimento de mundo registrado na memória, o que levaria à compreensão do texto.

Como se percebe, a coerência é, ao mesmo tempo, *semântica* e *pragmática*; mas, para alguns, embora esses caracteres predominem, a coerência tem também uma dimensão sintática (gramatical, linguística) que discutiremos mais adiante. Contudo, não se deve deduzir daí que a coerência tenha a ver com a superfície linguística do texto: todos os estudos procuram demonstrar que a coerência é profunda, subjacente à superfície textual, não linear, não marcada explicitamente na estrutura de superfície. Além disso, é global e hierarquizadora dos elementos do texto (os sentidos desses elementos se subordinam ao sentido global unitário, os atos de fala que realizam se subordinam ao macroato de fala que o texto como um todo representa).

Por tudo isso é que se pode dizer que a coerência é, basicamente, um princípio de interpretabilidade e compreensão do texto caracterizado por tudo de que o processo aí implicado possa depender. Como veremos, a coerência tem a ver também com a produção do texto à medida que quem o faz quer que seja entendido por seu interlocutor, conforme se supõe pelo princípio de cooperação.

O estudo da coerência poderia ser visto como uma teoria do sentido do texto (seja ele uma frase ou um livro todo, não importa a dimensão), dentro de um ponto de vista de que o usuário da língua tem competência textual e/ou comunicativa e que a língua só funciona na comunicação, na interlocução, com todos os seus componentes (sintáticos, semânticos, pragmáticos, socioculturais etc.). Estamos entendendo sentido como a análise seletiva no texto de significados virtuais das expressões linguísticas.

Paralelamente ao conceito de coerência, formando com ele uma espécie de par opositivo/distintivo, encontramos nos estudos textuais o conceito de *coesão*. Ao contrário da coerência, a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, sendo, portanto, de caráter linear, já que se manifesta na organização sequencial do texto. Fundamentalmente sintática e gramatical, mas é também semântica, pois, como afirma Halliday e Hassan (1976), a coesão é a relação semântica entre um elemento do texto e um outro elemento que é crucial para sua *interpretação*.

A coesão é, então, a ligação entre os elementos superficiais do texto, o modo como eles se relacionam, o modo como frases ou partes delas se combinam para assegurar um desenvolvimento proposicional.

Muitos autores não distinguem entre coesão e coerência, utilizando um termo ou o outro para os dois fenômenos. Alguns fazem a distinção usando expressões como 'coesão microestrutural' ou 'coesão local', quando querem se referir ao que foi definido no parágrafo anterior como 'coesão' e expressões como 'coesão macroestrutural' ou 'coesão global', quando desejam se referir ao que foi definido nos parágrafos iniciais deste item como 'coesão'. E o caso de Charolles (1987a) e de Van Dijk e Kintsch (1983), por exemplo. Já Charolles (1987a) subdivide a coesão em 'coesão' e 'conexão'. Essas observações objetivam alertar o leitor para flutuações terminológicas ou de outro tipo que exigem que se preste atenção sobretudo às conceituações dadas e não apenas aos nomes utilizados.

2. De que trata o texto de Koch e Travaglia?
3. Qual é a informação nova do texto?
4. Quais são as justificativas do texto?
5. Qual a conclusão dos autores?
6. Qual a referência do texto?
7. Qual a tematização do texto?
8. Redigir o resumo do texto apresentado, seguindo o modelo de resumo de Maria Teresa Serafini.
9. Redigir um resumo indicativo de um livro de seu interesse.
10. Redigir um resumo informativo de um livro de seu interesse.

8

Resenha

"Compreender, eu diria, é saber que o sentido poderia ser outro"
(Orlandi, 1993:116).

"Compreender, na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação" (Orlandi, 1993:117).

1 QUE É RESENHA?

Para Andrade (1995:60), resenha é um tipo de trabalho que "exige conhecimento do assunto, para estabelecer comparação com outras obras da mesma área e maturidade intelectual para fazer avaliação e emitir juízo de valor".

A mesma autora (1995:61) define resenha como "tipo de resumo crítico, contudo mais abrangente: permite comentários e opiniões, inclui julgamentos de valor, comparações com outras obras da mesma área e avaliação da relevância da obra com relação às outras do mesmo gênero".

Por isso, afirma ser a resenha tarefa de professores e especialistas no assunto da obra e que ela costuma ser pedida em cursos de pós-graduação, como exercício para a realização de trabalhos complexos (monografias).

Resenha é, portanto, um relato minucioso das propriedades de um objeto, ou de suas partes constitutivas; é um tipo de redação técnica que inclui variadas modalidades de textos: descrição, narração e dissertação. Estruturalmente, descreve as propriedades da obra (descrição física da obra), relata as credenciais do autor, resume a obra, apresenta suas conclusões e metodologia empregada, bem como expõe um quadro de referências em que o autor se apoiou (narração) e, finalmente, apresenta uma avaliação da obra e diz a quem a obra se destina (dissertação).

Além dos objetivos gerais da resenha (instrumento de pesquisa bibliográfica, anulação bibliográfica, decisão de consultar ou não o texto original), acrescentam-se os de desenvolvimento da capacidade de síntese, interpretação e crítica. Ela contribui para desenvolver a mentalidade científica e levar o iniciante à pesquisa e à elaboração de trabalhos monográficos.

A resenha crítica inclui-se entre os textos que têm por objetivo conduzir o leitor para informações puras, afirma Vanoye (1985:74-75). Nesses textos, não se percebe nem a presença do emissor nem a do receptor. Daí a linguagem em terceira pessoa, implicando com isso certa neutralidade, que é, no entanto, limitada, uma vez que na seleção e organização do texto já ocorre intenção de quem escreve.

Analisando as mensagens referenciadas, Vanoye (1985:74) divide-as em dois tipos: a resenha e o informe:

- *Resenha*: configura-se como texto que se propõe prestar informações sobre elementos complexos. A resenha pode referir-se a elementos reais (reuniões) ou a referentes textuais (livros, peças teatrais, filmes). Há aqui resumo crítico.
- *Informe*: é assim definido o texto cujo objetivo é indicar ao leitor referências reais, concretos. Envolve fatos, circunstâncias, cifras. São exemplos: comunicados, informes administrativos, boletins de ocorrência. Há aqui descrição.

A resenha crítica é também denominada *recensão crítica*. Ela combina resumo e julgamento de valor, ensinam Rebeca Peixoto da Silva e outros (s.d.:171). A Associação Brasileira de Normas Técnicas, por meio da NBR 6028, denominou a resenha de resumo crítico. Seu objetivo é oferecer informações para que o leitor possa decidir quanto à consulta ou não do original. Daí a resenha dever resumir as idéias da obra, avaliar as informações, nela contidas e a forma como foram expostas e justificar a avaliação realizada.

Antonio Joaquim Severino (1986:121) examina as diretrizes para leitura, análise e interpretação de textos. O estudo dos princípios aí expostos favorece a prática da resenha. Para o autor citado, a leitura analítica é um método de estudo. Pode-se acrescentar que é a base da resenha, que, por sua vez, se revela instrumento de pesquisa. Não obstante o rigor com que expõe a matéria, Antonio Joaquim Severino comete alguns deslizes quando defende determinados pontos de vista. Segundo o autor, os estudantes são habituados à análise de textos literários, mas apresentaram dificuldades quando se trata de leitura de textos filosóficos e científicos. Diz (1986:121):

"Em verdade, os textos de ciência e de filosofia apresentam obstáculos específicos, mas nem por isso insuperáveis. É claro que não se pode contar com os mesmos recursos disponíveis no estudo de textos literários, cuja leitura revela

uma seqüência de raciocínios e o enredo é apresentado dentro de quadros referenciados fornecidos pela imaginação, compreende-se o desenvolvimento da ação descrita e percebe-se logo o encadeamento da história. Por isso, a leitura está sempre situada, tornando-se possível entender, sem maiores problemas, a mensagem transmitida pelo autor."

A análise literária não se reduz à percepção imediata ("logo") do encadeamento da história, nem a mensagem do autor é entendida "sem maiores problemas". A crítica literária tem buscado um instrumental adequado para a análise de textos para fugir das interpretações impressionistas, das exposições subjetivistas. Northrop Frye, em *Anatomia da crítica*, faz extensa análise dos instrumentos de que um crítico literário pode valer-se no estudo e interpretação de uma obra literária.

Literatura e Filosofia merecem sempre o mesmo rigor de raciocínio, se se trata de analisar seus textos. Na análise do texto literário, o crítico não trabalha com a imaginação. Sua experiência poderá ser útil à medida que ela lhe proporciona maior competência comparativa, mas o texto sob análise é que será objeto de seu estudo. Tudo para ele convergirá, e jamais poderá ser utilizado como pretexto para elucubrações de todo gênero.

Para criar condições de abordagem e inteligibilidade de qualquer texto, alguns recursos são sugeridos a seguir. Antes, porém, são precondições: compreender o processo de comunicação: emissor, receptor, código, mensagem, referente, repertório, e notar também que em um texto ocorrem interferências culturais e pessoais, o que põe em risco a objetividade da análise. Agora passemos às condições:

1. Delimitação da unidade de leitura.
2. Análise textual.
3. Análise temática.
4. Análise interpretativa.
5. Problematização.
6. Síntese pessoal.

O primeiro passo é, portanto, delimitar a extensão da leitura, que é realizada considerando-se sua natureza e familiaridade do leitor com o assunto tratado. A leitura de um texto é feita por etapas. Terminada uma etapa, passa-se a outra. Evitem-se intervalos longos entre uma leitura e outra, visto que prejudicam a compreensão do texto.

A análise textual compreende:

- estudo do vocabulário;
- verificação das doutrinas expostas;
- sondagem de fatos apresentados;
- autoridade dos autores citados;
- esquema das idéias expostas no texto.

Nessa fase da leitura, busca-se responder às questões: quem é o autor do texto? Que métodos utilizou? Estudam-se o vocabulário e os conceitos utilizados, bem como associam-se as devidas. Sem a compreensão dos conceitos, a leitura fica prejudicada. Examinem-se também as referências históricas, a referência a outras doutrinas e a outros autores. As vezes, tais fatos aparecem no texto como pressupostos, e então cabe ao leitor analisá-los, buscando esclarecimentos em dicionários, enciclopédias, manuais, livros didáticos.

A análise textual, segundo Antonio Joaquim Severino (1985:127), "pode ser encerrada com a esquematização do texto" (ver "anotações esquemáticas", no Capítulo I deste livro). E ainda acrescenta que o melhor procedimento para sua realização é dividir o texto em introdução, desenvolvimento e conclusão.

A análise temática apreende o conteúdo da mensagem sem intervir nele. Responde a várias perguntas:

1. De que trata o texto? E assim obtém-se o assunto (a referência) do texto.
2. Sob que perspectiva o autor tratou do assunto (tema)? Quais os limites do texto?
3. Qual problema foi focalizado? Como foi o assunto problematizado?
4. Como o autor solucionou o problema? Que posição assume? E, assim, toma-se posse da tese do autor.
5. Como o autor demonstra seu raciocínio? Quais são seus argumentos?
6. Há outros assuntos paralelos à idéia central?

A análise interpretativa objetiva apresentar uma posição própria a respeito das idéias do texto. Força-se aqui o autor a dialogar com o leitor. As vezes, coletam-se as idéias do texto original com as de outro.

Deve-se situar o autor dentro de sua obra e no contexto da cultura de sua área. Destacam-se as contribuições originais.

O passo seguinte é a crítica, avaliação ditada pela natureza do texto. Responde-se às perguntas:

1. Qual sua coerência interna?
2. Qual a originalidade do texto?
3. Qual o alcance do texto?
4. Qual a validade das idéias?
5. Qual a relevância das idéias?
6. Que contribuições apresenta?
7. O autor atingiu os objetivos propostos?
8. O texto supera a pura retomada de textos de outros autores?

9. Há profundidade na exposição das idéias?

10. A tese foi demonstrada com eficácia?

11. A conclusão está apoiada em fatos?

Faz-se então a crítica às posições defendidas no texto.

A problematização é a penúltima etapa da análise de textos. Que questões o texto levanta?

Feita a reflexão sobre o texto, possibilitada pelas fases anteriores de leitura, passa-se à síntese, que é a fase de elaboração de um texto pessoal, que reflete sinteticamente as idéias do texto original.

2 RESENHA CRÍTICA

Florin e Savio, em *Para entender o texto* (1990:426), partem da conceituação de resenha e dividem-na em descritiva e crítica. O objeto de uma resenha pode ser um acontecimento, ou textos, ou obras culturais, como romance, peça de teatro, filme.

O procedimento do resenhista será seletivo, uma vez que não pode abarcar a totalidade das propriedades de um texto. O que relatar numa resenha depende da finalidade que se tem em vista, ou mesmo do tipo de leitor que se pretende atingir.

A resenha descritiva dispensa a apreciação do resenhista, já a crítica exige-a. Na descritiva, ressalta-se a estrutura da obra (partes, número de páginas, capítulos, assuntos tratados, índices). Se tradução, informar o nome do tradutor. Contém ainda um resumo da obra, a perspectiva teórica, o gênero (crítica literária, livro de negócios, esotérico, romance, teatro, ensaio), o método adotado. Na resenha crítica, colocam-se comentários e julgamentos do resenhista.

Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi, em *Fundamentos de metodologia científica* (1995b:245), apresentam modelo para a prática de resenhas científicas.

1. Referência bibliográfica:

- Autor.
- Título da obra.
- Elementos de imprensa (local da edição, editora, data).
- Número de páginas.
- Formato.

Exemplo:

GARCIA, Ohnon. *Comunicação em prosa moderna*. aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 8. ed. Rio de Janeiro : FGV, 1980. 522 p. 14 x 21 cm.

2. *Credenciais do autor:*
 - Informações sobre o autor, nacionalidade, formação universitária, títulos, livro ou artigo publicado.
3. *Resumo da obra (digesto):*
 - Resumo das ideias principais da obra. De que trata o texto? Qual sua característica principal? Exige algum conhecimento prévio para entendê-la? Descrição do conteúdo dos capítulos ou partes da obra.
4. *Conclusões da autoria:*
 - Quais as conclusões a que o autor chegou?
5. *Metodologia da autoria:*
 - Que métodos utilizou? Dedutivo? Indutivo? Histórico? Comparativo? Estatístico?
 - Que técnicas utilizou? Entrevista? Questionários?
6. *Quadro de referência do autor:*
 - Que teoria serve de apoio ao estudo apresentado? Qual o modelo teórico utilizado?
7. *Crítica do resenhista (apreciação)*
 - Julgamento da obra. Qual a contribuição da obra? As ideias são originais? Como é o estilo do autor: conciso, objetivo, simples? Idealista? Realista?
8. *Indicações do resenhista:*
 - A quem é dirigida a obra? A obra é endereçada a que disciplina? Pode ser adotada em algum curso? Qual?

A resenha não é, pois, um resumo. Este é apenas um elemento da estrutura da resenha. Além disso, acrescente-se: se, por um lado, o resumo não admite o juízo valorativo, o comentário, a crítica; a resenha, por outro, exige tais elementos.

Em alguns casos, não é possível dar resposta a todas as interrogações feitas; outras vezes, se publicada em jornais ou revistas não especializados, pode-se omitir um ou outro elemento da estrutura da resenha. Numa publicação científica, porém, observar com rigor os pontos salientados.

Acrescente-se: se bem redigida, a resenha é um valioso instrumento de pesquisa; se, no entanto, a crítica apresentada é impressionista (gosto/não gosto), a resenha deixa de ter interesse para o pesquisador.

Veja-se um exemplo:

142

Referências
bibliográficas

Informações sobre o
autor

Conteúdo da obra

Resumo ou digesto

ANDRADE, Mário de. *Querida Henriqueta*: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. 211 p.

Já foram publicadas cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, a Oneyda Alvaranga (*Mário de Andrade*: um pouco), a Afonso Livy, a Fernando Sabino (*Cartas a um jovem escritor*), a Carlos Drummond de Andrade (*A lição do amigo*), a Prudente de Moraes Neto, a Pedro Nava (*Correspondente continuaz*), a Rodrigo de Melo Franco, e Anita Mallari. Em todas elas, é possível verificar a surpreendente reavivagem da personalidade de Mário de Andrade, seus conhecimentos, suas preocupações, sua dedicação à arte, o entusiasmo com que trabalhava os escritores iniciantes.

Em *Querida Henriqueta*, reunião de cartas de Mário à poetisa Henriqueta Lisboa, Mário é tão generoso quanto o fora em *A lição do amigo*, tão competente quanto o fora nas cartas a Manuel Bandeira. A exposição é sempre franca, os temas abordados variados e a profundidade e o valor humano notáveis. Para alguns, as cartas de Mário, em seu conjunto, estão no mesmo nível que suas criações literárias.

É possível ver nas cartas o interesse de Mário pela motivação dos iniciantes, analisando com dedicação e competência tudo o que lhe chegava às mãos. Há em seu comportamento o sentido quase de missão estética. As recomendações são as mais variadas: ora sugere alterações, ora a supressão, ora o cuidado com o ritmo, ora com as manifestações de conteúdo cultural. Não é o mestre que fala, mas o amigo. Não é o professor, mas o artista experiente, que sabe o que diz e por que o diz, que tem consciência de tudo o que fala, que leva o trabalho artístico muito a sério. As considerações não são, no entanto, apenas de ordem técnica. Mário de Andrade, por sua argúcia crítica, penetra na análise psicológica. Assim, examina os retratos feitos por diversos artistas, como Portinari, Anita Malfatti, Lasar Segall. Segundo ele, Segall ter-se-ia fixado em seu lado obscuro, quase oculto, matévolvo de sua personalidade.

A relação angustiada do autor de *Macunaima* consigo mesmo aparece nas cartas a Henriqueta Lisboa. Da mesma forma, aparecem o problema do remorso e da culpa, o cansaço diante da propaganda pessoal, do prestígio, da notoriedade, da polêmica. Não silencia sequer a análise das relações com a família. Aqui, não é a imagem de Mário revolucionário e exuberante que apresenta. Não. Também não há lamentações: tudo é exposto com extrema lucidez quanto às virtudes e defeitos. Mário abre o coração numa confiança de quem acredita na amiga e nas relações humanas.

143

As cartas foram escritas de 1939 a 1945, quando Mário veio a falecer. E são mais do que uma fonte de informação ou depósito de idéias estéticas; são um retrato de seu autor, com suas angústias e expansões de alegria, de emoção e de rigidez comportamental.

Na resenha apresentada, há informações bibliográficas logo no início: nome do autor, título do livro, local da publicação, editora, ano de publicação, número de páginas.

Falta algum elemento da estrutura da resenha? Quais? São importantes? Devem ser ressaltados? Por quê? Informações como número de páginas e tamanho físico do livro são relevantes? Por quê?

Expõe, em seguida, informações sobre várias publicações de Mário de Andrade. Em vez de optar pela biografia do autor, preferiu elencar obras epistolares. Que você acha disso? Tal procedimento é correto? Que considerações faria a esse respeito? Ou seria melhor informar sobre sua vida e sobre sua obra de modo geral? No caso presente, somente os leitores de Mário saberiam que é autor de obra ficcional? Um leitor desprevenido saberia onde e quando teria nascido? Esta informação é importante?

A obra caracteriza-se como do gênero epistolar. Não se trata de romance nem de contos, mas de cartas de Mário de Andrade a uma amiga sua. Você sabe algo sobre Henriqueta Lisboa? Seria importante ressaltar quem é ela? Ou esta informação é destituída de valor?

As cartas trazem informações sobre poética, o que Mário entende por poesia, sobre procedimentos, contêm orientações. De modo geral, trata de questões estéticas, fala sobre a arte. E, assim, o autor da resenha vai resumindo as cartas de Mário que compõem esse volume.

O resumo da obra (digesto) aparece nos demais parágrafos. O autor preferiu comentar a obra em sua totalidade a simplesmente resumí-la, ou, se quiserem, resumí-la, comentando-a. Em vez de uma abordagem estagnante dos elementos de uma resenha, preferiu a dinâmica: conforme vai apresentando as idéias, vai tecendo comentários. Que você acha deste método? Você tem uma idéia de que trata o texto, ou simplesmente tem informações insuficientes? Não seria desejável um resumo, com as informações progressivas, conforme aparecem na obra? Com base nas informações, é possível identificar real interesse pela obra? As informações não são excessivamente vagas? Gerais?

A crítica valorativa ou apreciativa do resenhista aparece particularmente no último parágrafo. Como não se trata de obra didática, ele evitou recomendá-la, mas é claro que, diante do exposto, os que se interessam pela obra de Mário e, em especial, por sua poética não podem deixar de lê-la.

Há algum valor em recomendar uma obra? O estudioso, através dessa informação, pode tomar alguma decisão? Você colocaria ou não essa informação numa resenha? Por quê?

Como se verifica, a resenha apresentada, ou arremedo de resenha, é mais crítica que descritiva. Estruturalmente, deixou de lado alguns elementos que seriam decisivos a um pesquisador. No entanto, como exemplificação, foi feita para esboçar alguns pontos, para levar o leitor à reflexão. Seus defeitos podem servir como orientação que predisponha o leitor a uma prática correta.

O contato com outras resenhas passíveis de comentários pode ser obtido pela leitura de caderno especializado em publicações, como o da *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, ou da revista *Veja*, ou *Isto É*.

3 COMENTÁRIOS SOBRE OS ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA RESENHA

Qual a importância de dizer o nome do autor por extenso e não abreviadamente? Ora, pode ocorrer que uma abreviatura leve a uma confusão; poderá haver mais de um autor com o mesmo nome; daí a necessidade de indicações precisas. Inicia-se a referência pelo sobrenome do autor, com letras maiúsculas; em seguida, colocam-se o nome e outros sobrenomes, se houver.

O título da obra é sublinhado (italico). A observação dessa convenção facilita o reconhecimento de que se trata de obra e não de nome de pessoa (saliente-se que há obras cujo título é o nome de uma pessoa). Utiliza-se inicial maiúscula apenas para o primeiro nome do título, os demais nomes são grafados com letras minúsculas. Se houver subtítulo, esse é separado do título por dois-pontos. O subtítulo não é sublinhado (italico). Em geral, ele aparece na capa do livro em caracteres menores que o do título principal.

O local de publicação é também importante, uma vez que esclarece ao leitor se pode ter fácil acesso a ele. Se o texto for publicado em país distante, o acesso ficará um pouco mais difícil; se publicado numa capital do Brasil, particularmente em São Paulo ou no Rio de Janeiro, poderá ser procurado imediatamente nas livrarias dessas cidades. Se a obra foi publicada numa cidade do interior do Brasil, outros procedimentos deverão ser adotados para sua localização.

A editora que publicou a obra é outra informação relevante. Se se tratar de uma casa publicadora conhecida, com distribuição pelo Brasil inteiro, fácil será seu acesso, mas se se tratar de uma publicação com circulação restrita, ou de algum órgão público, o leitor pode imaginar quanta dificuldade terá para entrar em contato com essa obra. Com informações precisas, poderá, no entanto, de uma forma ou de outra, entrar em contato com as informações ali expostas.

O ano de publicação interessa também ao pesquisador. Uma obra do século passado pode oferecer informações limitadas se se tratar de ciência que avançou nos últimos tempos. Por outro lado, há obras que são clássicas. Além disso, uma edição do século passado, se revista pelo autor, poderá ganhar em relevância, por oferecer segurança de informações.

Informação sobre edição é igualmente importante. A última edição pode ser a desejável. Em alguns casos, a edição *princeps* é que é a mais procurada e que mais interessa ao pesquisador.

O número de páginas é informação que interessa pela razão de que um assunto que exige profundidade de tratamento não pode ser objeto de um opúsculo diminuto. Com essa informação, o pesquisador pode criar uma expectativa sobre a obra.

Igualmente, podem-se oferecer ao leitor da resenha dados descritivos do tamanho físico do volume. Há livros em miniatura que ilustram apenas a habilidade do editor. Há coleções de grandes poetas que servem para ornamentação, devido sobrenão ao tamanho reduzido em que foram feitos os livros. Não têm fins didáticos, ou de pesquisa.

Os jornais costumam ainda apresentar o preço do volume ou volumes e endereço da editora. É mais uma orientação para o leitor, talvez necessária para sua decisão de comprar ou não a obra.

As *credençiais da autoria* indicam a relevância do autor. Quem é ele? Quais são seus títulos? Merece ser lido? Parece haver aqui resquício do argumento de autoridade,* por isso, o exame desse elemento da resenha deve ser observado com cautela. O preconceito não traz benefícios à ciência. Se possível, diga de onde ele é; onde faz pesquisas; onde leciona, que obras publicou. Tomou-se relevante por algum fato?

O resumo da obra deve estampar, particularmente, o que foi objeto de estudo da obra. Qual seu assunto? De que perspectiva (tema) é tratado o assunto, a referência? Observe-se que o resumo deve ser realizado respeitando a progressão das idéias. Uma resenha não é feita a partir de informações de quarta-capa, de orelha, ou de prefácio. O resumo tem como objeto o próprio texto e não outro resumo. As orelhas e as quartas-capas oferecem informações reduzidas, com linguagem persuasiva. Seu objetivo é vender o livro. Já o resumo, numa resenha, objetiva informar o leitor sobre o que contém o livro, qual sua estrutura, quantas partes tem, quantos capítulos, qual a profundidade e a extensão dos assuntos abordados.

No tópico *conclusões do autor*, é preciso dizer à que conclusões o autor chegou. Não diga as conclusões a que você chegou, mas as do autor da obra. Daí a necessidade de leitura atenta, marcando-se à margem do texto as conclusões do autor. Às vezes, elas estão distribuídas por todo o texto. Observar, pois, palavras como: *portanto, logo, em*

* Para Neri (1982:20), a verdade pode ser obtida por meio de seis critérios: experiência, necessidade lógica, sentido comum, consenso universal, evidência e, finalmente, pelo critério de autoridade: "O homem, individualmente, não pode verificar todos os detalhes e todos os fatos, por isso mesmo tem de dar crédito a pessoas que se impõem pela sua probidade e responsabilidade social, científica, cultural ou religiosa."

consequência e outras de valor semântico equivalente. Para facilitar o trabalho de redação da resenha, pode-se utilizar o sinal c, à margem do texto, sempre que o autor fizer uma observação conclusiva.

Que métodos o autor utilizou? Partiu de um exemplo? Partiu de um princípio geral? Qual o gênero do livro? Evidentemente, esta informação é importante. Um estudo crítico sobre Gregório de Matos, por exemplo, é diferente de uma obra romancada sobre a vida de Gregório de Matos. Diga ao leitor o tipo de livro objeto da resenha.

Diga também em que autores o autor se apoiou. No final deste livro, apresenta-se uma resenha de Machado de Assis. Verifique que, para comentar *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, ele foi buscar informações em Zola. Leia atentamente o texto e colha nele essas informações. Diga apenas alguns nomes relevantes, sem se preocupar com ser exaustivo. Entre os autores citados, diga aqueles que serviram de apoio; se houver alguma relevante que foi contestado, também poderá citá-lo. Atenção: não copie a bibliografia, encontre os autores importantes para a defesa das idéias no próprio texto.

Uma apreciação do resenhista é sempre desejável. Resenha sem manifestação crítica revela leitor passivo. A obra esclarece algum ponto obscuro? Há originalidade na exposição? Revela-se apenas uma coleção de fichas, de informações colhidas aqui e ali?

Finalmente, pode-se indicar a obra ao leitor, dizendo a quem o texto se dirige especificamente.

EXERCÍCIOS

1. *Ler atentamente o texto seguinte e responder às questões formuladas:*

PIRANDELLO, Luigi. *Henrique IV*. Trad. de Aurora Formosi Bernardini e Homero Freitas. São Paulo: Edusp, 1991.

Luigi Pirandello é natural de Agrigento. Nasceu na Sicília, em 1867, e morreu em Roma, em 1936. Romancista, contista, poeta, ensaísta, dramaturgo. Uma de suas obras mais famosas e constantemente representadas é *Seis personagens à procura de um autor*, de 1921.

Esta tradução oferece ao leitor brasileiro a oportunidade de conhecer o texto de Luigi Pirandello, que focaliza o homem que enlouquece, vítima de uma experiência desastrosa. Recupera sua saúde mental, mas prefere continuar fingendo-se louco, uma vez que se sente incapaz de enfrentar a realidade. Assim, o autor rompe os limites da loucura e da sanidade, da ilusão e da realidade, e já não pode saber o que é a verdade. Erige-se, portanto, o reino da total relatividade.

O leitor está diante de uma obra teatral do maior dramaturgo deste século. Um autor que é, ao mesmo tempo, íronico, sagaz e, às vezes, até pessimista. O

significado de sua obra não pode ser apreendido imediatamente, numa leitura linear, ou como espectador burguês, frequentador de teatro para puro exibicionismo ou divertimento. É grande a profundidade das colocações de Pirandello e, consequentemente, grande seu valor, bem como o prazer que se extrai do texto. Pirandello destaca-se particularmente pela análise que faz da realidade/ilusão, falso/verdadeiro, a verdade das relações humanas e a máscara social.

Para a crítica, o autor de *O falecido* *Mariano Pascal* é considerado um autor intelectual, muito mais para ser lido e refletido que, propriamente, representado. Engano. Sua representação consegue manter o espectador atento, tenso com o desenrolar da ação e é capaz de levá-lo ao entendimento das idéias que subjazem ao texto. Em verdade, o autor criou um estilo próprio, inconfundível.

Em *Henrique IV*, a personagem principal inventa para si uma personagem e transforma sua vida numa representação. Os espectadores e as próprias personagens que contracenam com Henrique IV vêem-no como louco, que pensa ser o imperador alemão do século XI. Vive numa casa de campo há 20 anos. Seus parentes transformaram a propriedade em um palácio e contrataram empregados para representar os mais diversos papéis, inclusive o de conde e de conselheiros.

Assim, todas as personagens representam para Henrique IV e alinham sua loucura com encenações de situações históricas vividas pelo imperador alemão, particularmente suas discórdias com o papa Gregório VII.

No segundo ato, Henrique IV revela aos empregados que sua loucura tivera a duração de 12 anos e que há oito anos está totalmente lúcido, isto é, somente nos últimos anos é que vinha representando, com tanta competência que ninguém perceberia nada.

Por que Henrique IV prefere a máscara da loucura à lucidez? Para rebelar-se contra a idéia de que o homem é o que a sociedade quer que seja. Retornando à vida normal, os outros é que lhe imporiam uma máscara, roubando-lhe a liberdade de ação. Com a loucura, pode tomar a iniciativa e submeter todos a seus caprichos e desejos. Prefere a loucura à sanidade para poder viver com prazer, viver para "vingar-me da brutalidade de uma pedra que me machucara a cabeça!"

A desgraça de Henrique IV fora causada pela marquesa Matilde Spina e seu amante Belcredi. Apaixonado, fantasiara-se de Henrique IV numa fábula cavalegada que terminou com sua queda, após seu cavalo ter sido ferido pelo rival. Ódio e vingança explodem então dentro dele.

Após a revelação da personagem principal a seus empregados, a peça ganha ritmo tenso, alcançado pela ambigüidade que permanece até o fim.

Henrique IV apóia-se no enigma da lucidez/loucura, ser/parecer louco, que provoca tanto espectadores quanto leitores. Até o segundo ato o espectador tem a certeza de que a personagem está louca; daí em diante não poderá afirmar categoricamente sua lucidez. *Henrique IV* a todos confunde, misturando fatos da vida real com os da vida da personagem criada para si.

Ao final, o protagonista fere Belcredi com uma espada, conclutando sua vingança. E, assim, condena-se ao uso da máscara para sempre, uma única defesa contra a punição pelo assassinio de Belcredi. Agora, a máscara será uma imposição, uma prisão. E a personagem acaba não tendo outro nome que o de sua máscara.

Dividir o texto anterior segundo a estrutura da resenha. Indicar onde começa e termina determinado elemento:

- a) Referências bibliográficas: _____
 - b) Credenciais do autor: _____
 - c) Resumo da obra (digesto): _____
 - d) Conclusões do autor (se são mencionadas): _____
 - e) Metodologia da autoria: _____
 - f) Quadro de referências do autor: _____
 - g) Crítica do resenhista (apreciação): _____
 - h) Indicações do resenhista: _____
2. *Comentar a resenha de Henrique IV apresentada. Segue ela a estrutura da resenha? Há defeitos?*
 3. *Resenhar* Técnicas de comunicação escrita, de *Itidoro Bilkstein*, publicada pela Ática.
 4. *Resenhar* Texto e coerência, de *Ingeborg Grunfeld Villaga Koch e Luiz Carlos Trawagita*, publicado pela Corer.
 5. *Resenhar* um livro de sua escolha.